

Era o vestido. Parecia enorme, com folhos e saias de baixo, e uma laçada azul na cinta.

— Uma coisa azul, para dar sorte...

De facto, era uma extravagância de Ema. Quis sapatos azuis, para acompanhar. De qualquer forma, ficou esplêndida, tendo frisado os cabelos e posto neles cachos de *muguet*. No peito brilhava o medalhão com turquesas, não quis privar-se de o levar.

— Outra coisa azul, para dar sorte; nunca é demais...

Nelson, quando soube do casamento de Ema, chorou como uma vide e recostou-se na cadeira de palha como se fosse morrer. A mulher acariciou-lhe as fontes, que embranqueciam.

— Deixa lá, não te ponhas assim...

Protegia-o com um enorme gosto da renúncia e despedia-se em cada prova de amor que lhe dava. Nelson queria uma propriedade em Romesal, para apagar a memória da sua mocidade pobre e da casa de Mabília, tão mal casada com um bêbado que acabou no asilo e que a espancava. Nelson comprou, já a inclinar-se para a cova, velho e sombrio, uma quinta em Gervide. Ema não morava mais lá, nem sabia mais do seu paradeiro. Lembrava-se da mocidade, de Branca que ele tivera nos braços naquela mansarda onde se criavam periquitos e que, ao ouvirem os gemidos dos amantes, piavam de alegria. O sol entrava como um deus que se alimenta da matriz do corpo astral que é o homem. Um rouxinol cantava ao cair da noite, com um trinado tão genial que arrastava a alma de quem o ouvia.

## CAPÍTULO II

### O POBRE-NADA QUE ENAMORA

Sim, é certo, das janelas do Romesal via-se o Vale Abraão, terra de Paivas e de Semblanos. Destacavam-se as propriedades mais sumptuosas, entre maciços das árvores de jardim; o resto eram casas agaioladas com mansardas revestidas de lousa, mas raras. Que o vale era sobretudo recatado na sua abastança, que decaíra muito com a alta dos salários e as vocações migratórias.

As casas "maison", com estabelecimentos ao rés-do-chão e uma escada exposta como um fémur partido, não eram do estilo do vale, que se reduzia a três ou quatro quintas ribeiras; para cima da estrada era a encosta de Cambres, onde se exploravam águas medicinais. A mãe de Ema tivera uma paixão fulgurante por um engenheirozinho polonês, que gerira em tempos a empresa falida e se distraía do fracasso construindo no quintal "o poço da morte", onde girava na sua moto de grande potência. Agora Cambres era pobre e sem recursos; ao sol de Maio, as raparigas sentavam-se nos muros, gozando a civilização da ganga e da bota alta.

Em Vale Abraão não havia, como no Romesal, "o povo", com as suas escalavradas escadas de antigo solar e gente remexida que se insultava, a ponto de a Guarda achar Gervide cova de facínoras e Fontelas-de-Cima um lugar de maus ladrões. Havia assassinos bem comportados, abades agiotas, rapazes viciosos mas pondo na libertinagem uma travagem que proporciona a

censura viril, muito próxima da virtude. Não havia nada parecido à venda do Alexandre, cheirosa de cascos de vinho, de iscas secas de bacalhau, de azeitonas em talha. O que havia era a Caverneira, com o parque de cerejeiras do Japão e umas fontes que se ouviam de noite como risos de palácios encobertos. E, ainda impressionante na sua estrutura de velho alcazar, as Jacas, onde vivia com a mulher Pedro Lumiães, boémio arrependido e erudito sem carreira; amavam-se, aquele casal tenebroso que a miséria rondava, tendo no fio os rendimentos e os lençóis da cama.

Em Vale Abraão estava a casa de Carlos Paiva. Nada de orgulhar ninguém; um amontoado de sobrados, de pequenas salas e alcovas, e eidos que se foram juntando, como para se esquecerem, e que resultara num incongruente encosto de telhados e goteiras, portas esconsas e janelas desiguais. Ema, que conhecia a casa dos domingos de piquenique, em que fora recebida pelas Paivoas, mulheres de cidade com correntes Chanel, achou-a mudada. Era um dia de vento, o lugar pareceu-lhe sinistro, com o estradão resvaladiço de cascalho até ao rio e um padrão das velhas demarcações postado a uma esquina como uma sentinela.

Ela levava, como uma sultana dos emiratos, uma bagagem de sedas e de tapetes que alarmou Carlos; criado numa pequena abundância de mesa, não conhecia nada de elegância e muito menos de luxos sibaritas. Tomava como estratégia a grandeza opípara dos Semblanos, com as suas peliças de vison e os blazer de botões brasonados. Mas ele próprio, Carlos Paiva, vestia no Inverno uma samarra desbotada para se agasalhar das geadas.

As Paivoas achavam Ema leviana encoberta e induziram o irmão a tirar informações da vida dela. Já casado, Carlos caiu na infâmia legítima de investigar a moral de Ema, sobre a qual parecia pesar uma disfarçada opinião de impostura. Mas nada encontrou de mal. Ela era pura como as estrelas. Compensou-a com extremos de galanteria que Ema estranhou, sabendo-o aca-nhado em inspirações de amor.

Se interrogasse, no entanto, o pai Cardeano, podia ficar algo mais esclarecido. Ele conhecia um secreto pendor de Ema para a exploração das ocasiões e, sobretudo, a veia do orgulho que, às vezes, a enlouquecia. Como gostava de vestir bem e não tinha os meios suficientes, entendeu um dia fazer chantagem com o pai e revelar os seus amores com mulheres da vinha à pobre tia Augusta, que o tinha por casto e viúvo exemplar. Cardeano fez-lhe frente, ameaçado mas não desprevenido. Rasteiras de mulheres não lhe pareciam causa de susto. Achou que a filha pouco sabia de homens. Quando a viu casada, porque a amava, chorou e bebeu demais, o que o pôs mais sombrio ainda. Tinha a impressão de que Carlos não era marido que convinha a Ema. Era um desses homens, mais numerosos do que se pensa, que, sem conhecer as paixões, as tinham por denunciadores de segredos que é melhor guardar. Ele venerava os valores medianos, como a dignidade da profissão e um lar de que nada constasse. Na véspera do casamento teve uma crise de dúvida, esteve prestes a romper com Ema. Tomava como uma espécie de rivalidade tanta beleza junta. Como ela se mostrava enervada com o efeito que podia causar, Carlos disse-lhe:

— No fim de contas, não vai estar lá gente que perceba muito disso.

No dia da boda, Ema verificou quanta razão ele tinha, ao ver chegar as primas de Além-Douro com as capelinas cheias de fitas e as horríveis bolsinhas bordadas. Teve de repente um baque; pareceu-lhe estar a dar um passo estouvado, embora Carlos fosse o mais sensato dos homens e bem cotado no quadro médico. “Um truta” não era. Riam-se das suas receitas e do jeito dele para arrancar dentes a alicate. Mas essa mediocridade tornava-o simpático e fazia-lhe perdoar a mulher que mal apresentava, deixando-a atrás dele, como uma criada. Só o Semblano velho disse que ela era encantadora. Disse isso como se usasse um direito de ancião; mas não a desejava, por ser sacudida e talvez impertinente. Ele gostava de raparigas pobres em estado de necessidade que é vizinho de Eros. Foi dizer a Maria

Semblano, a esposa, que gozava de fama angélica, que Carlos Paiva tinha casado mal.

— É uma mulherzinha que lhe vai trazer dissabores — disse.

— Que dissabores? — Maria Loreto Semblano era alta, ruiva, de porte “imperial”, como diziam as suas inimigas. Escrevia contos exemplares e tinha algum sucesso com a sua erudição pastoral. — Que dissabores?

— Não sei, o costume.

Ele despiu o casaco e, dando conta de que não arriscava essa intimidade há muito tempo, junto da mulher, voltou a vesti-lo. Maria Semblano sentiu um arrepio de tristeza, incurável como uma maleita. Amara o marido com uma admirável dedicação de que as raparigas frias têm o segredo. A infidelidade dele não a desiludira; dera-lhe asas para uma certa vacuidade nobre que a surpreendia como um desejo suspenso.

Carlos Paiva era o seu consultor ortográfico, não o seu médico de cabeceira. Oferecia-lhe as suas horas mais especiais, de confiança intelectual e que ele achava arrasantes. Com o casamento, esperava livrar-se de Maria Semblano, que o convocava às sextas-feiras para jantar e rever provas tipográficas. Mas tal não se deu. Maria continuou a convidá-lo, sem parecer notar a chegada de Ema, a quem, de resto, mandava regularmente morangos e bolos de fécula.

— A minha mulher ficou encantada...

Mas Maria Semblano não deixava ocasião a maiores expansões. Levantava a colher da mesa e comia a sopa em silêncio. Vestia-se tão bem que parecia deslocada naquela orla de Vale Abraão, servida de três criadas velhas e mentirosas que trouxera da casa dos pais há muitos anos. Ema invejava-lhe o trém discreto, a elegância frugal, a raça, que era, de resto, atravessada de negociantes de Lugo e moageiros da Maia. “A farinha fê-la branca e com aquele ar de profetisa” — dizia Pedro Lumiares. E falava do tempo em que Maria vendia beijos nas quermesses, divina como Juno acolitada por pavões reais.

Ema não conseguira que Branca a seguisse, temerosa que estava de perder casamento com um cabo da Guarda; e Marina também se escusou, porque estava noiva e passava as tardes nos tanques, a molhar peças de pano. Só Ritinha, a muda, foi durante algum tempo para Vale Abraão. Era uma espia extraordinária. A falta dos sentidos do ouvido e da fala desenvolvera nela faculdades finíssimas de entendimento. Nada lhe escapava. Conhecia toda a clientela de Carlos, sabia as doenças de que se queixavam, as contas que pagavam, as casas e os bens que tinham. Ema chamava-a como se chama a um cão, entregava-lhe tudo — chaves, garrafeira, jóias e correspondência. Mas, um dia, as Paivoas acusaram-na de perder um lenço de bolso e Ritinha partiu, muito seca, sem dar explicações. De resto, Carlos achava-a inútil porque não podia atender o telefone. Ema esteve um tempo amuada, Ritinha fazia-lhe falta. Era o seu bobo, a sua aia; era o elo que a ligava ainda ao Romesal, ao seu belo espaço de corredores e átrios grandes como gares. Em comparação, a casa de Vale Abraão parecia-lhe um labirinto de tabiques e tectos baixos demais.

— Os tectos baixos favorecem as paixões. — Pedro Lumiares, que ela encontrava na missa das onze na capela das Jacas, informava-a de que era uma fórmula de Le Corbusier.

— Olhe que se enganou. Paixões são ali coisa que não há, nem nunca houve.

Ema riu-se. Era um riso rasgado que lhe descobria os dentes brancos e sólidos; dentes que tornavam o riso agressivo e triunfal ao mesmo tempo, e que Marina dizia serem tão belos como postigos. Marina fazia-lhe falta, e as saias dela presas com um alfinete de segurança para marcar melhor a cintura. Teve saudades de tudo, até do internato em Lamego e das lições de estilística e de desenho com moldes de pés de gesso. A mesa do Romesal, sempre posta, com o queijo dentro duma redoma de vidro e a fruteira de estanho donde pendiam os cachos de uvas, que quando o pé secava eram retirados. As romãs abertas mos-

travam o róseo grão, e a película brilhava como algo de arrancado à profundidade da terra e aos seus veios diamantinos.

Sobretudo Ema estranhou o dinheiro contado até ao último tostão, o peixe congelado que lhe sabia a papel, todos os truques da economia que a primeira mulher implantara e que Carlos seguia como um testamento. Os mimos, os pequenos sonhos perdulários que o pai lhe permitia, estavam proibidos naquela casa que era pior do que pobre, era mesquinha. Ema tinha saudades de tia Augusta e do tempo em que se sentava nos joelhos dela para tomar o café e se fingia distraída para exasperar a boa criatura. Olhava para a parede, como se pela primeira vez visse o besugo e os mexilhões da litografia. — Bebe, menina... —

Tia Augusta era ainda nova mas parecia pronta para um lar da terceira idade, com o seu grosso e disforme nariz crivado de buracos como um dedal. Nunca se zangava, excepto se lhe tocavam na reputação dos seus santos e santas, o que até o professor Carmezim evitava fazer, apesar da sua vulgaridade laica. Tia Augusta, se apoquentada, limitava-se a abanar repetidamente a cabeça, dizendo “que mania...”, com uma expressão afligida que Ema queria logo apagar da cara dela. Não suportava ver tia Augusta molestada pelas ínfimas doses de malícia que fazem o centro de gravidade das famílias felizes. As alterações do génio contribuíam para criar formas de convivência e aliança. Ema era na casa um pólo afectivo seguro, tocado de azedume e competição que produzem movimentos constantes de reconciliação, animando as almas para o trabalho e dando-lhes merecimento para suportar a ideia da morte. A trama carnal de todos esses sentimentos servia a composição do quadro do crescimento moral e conduzia às vezes a um desfecho imprevisível. Marina foi praticamente violada pelo noivo, que a deixou depois de perceber que as suas relações eram infecundas. “Quem não faz filhos não faz vontades”, disse, cruelmente. Quis oferecer-lhe uma gargantilha de ouro, mas Marina recusou.

— Quem és tu para me pagares favores? — disse-lhe. E o coração dela estava oprimido porque o amava muito. Era o mais

belo mancebo de Gervide, mas Marina tinha orgulho em o esquecer. “Sem ofensa” — disse ela. “Só porque é justo”.

Ema pensou nestas coisas, uma vez que foi ao Romesal, tendo o pai já falecido. Tia Augusta também já não existia e a buganvília roxa crescera desmedidamente ao longo do gradeamento do jardim. As camélias anãs desfolhavam-se tristemente e as pétalas secas rodeavam o pé como papel queimado. Os objectos *Kitch* que pertenciam aos seus lugares e seria um sacrilégio mudar, estavam, ou perdidos ou fora do sítio. Talvez alguém os roubasse, ou então Paulino Cardeano os oferecera às amigas como presentes de emergência.

Ouviam-se as varejas como um pelotão inimigo, e Ema chorou de cólera quando deu com a troca do oratório. Não era o mesmo. O pai tinha-o vendido para fazer dinheiro e substituíra-o por portadas miseráveis pintadas de verde garrafa. Pegou no Menino Jesus, ainda intacto na manjedoura com palhas de trigo, e, embrulhando-o numa toalha de altar, levou-o com ela.

— Que levás aí? — disse Lolota, que tinha sete anos e era uma criança pouco dotada.

— Nada... umas coisas... — Ema nunca entregaria às filhas as suas recordações mais profundas, nem deixaria que tocassem no Menino que só raramente tia Augusta lhe deixava pegar. Ema sentava-se com ele no colo no degrau do oratório, e o Menino parecia olhar para ela, risonho e pronto a falar.

Dessa vez teve a impressão de deixar o Romesal para sempre. Estava casada há perto de dez anos e caía nessa vulgaridade ritual que era fazer um balanço da sua vida. Aborrecia-se e tomava isso como uma capacidade de se emancipar das suas desilusões.

Tivera duas filhas, Lolota e Luisona, mas não aprofundara as alegrias da maternidade. Antes disso revelou-se-lhe o coração para as paixões do risco, desprender-se dos mediócrs trajectos que o casamento lhe oferecia. Sem repelir Carlos, achava-o cada vez mais desinteressante, e essa lucidez de opinião parecia-lhe funesta para o equilíbrio que pretendia. Porque em tudo

punha uma febre de ambições que não sabia qualificar, pois não eram de índole social nem se preocupava por igualar as mulheres mais afortunadas. Era um delírio que se tornava cada vez mais exigente e que a lançava por caminhos desconhecidos.

Tudo começara há muito tempo quando Carlos Paiva a levou ao baile das Jacas. Teve um convite expresso dos Lumières que, de resto, aproveitavam para conhecer Ema sem se comprometerem a aceitá-la.

A casa, iluminada, florida, com o seu célebre centro de *vermeil* atribuído a um discípulo de Celini, pareceu a Ema um castelo que se abria por efeito de mágica. A grande álea de plátanos, cuja folha caía lentamente, estava cheia de carros cujos pneus rangiam no areão molhado. Tinha chovido mas fazia luar. O brilho das estrelas percebia-se por entre os ramos das árvores e dava à noite um tom de compaixão sublime. Ema vestia uma toilette de seda cor de açafraão, e o modesto colar de pérolas envergonhava-a. Mas os cabelos escuros, repuxados para trás, deixavam a descoberto o formoso rosto, tão pálido e regular como o de um manequim. As longas pestanas, que ela prolongara mais com uma franja postiça, tocavam-lhe as faces dando-lhe uma expressão voluptuosa mas não vulgar. Os homens acharam-na deslumbrante, e durante toda a noite evitaram-na.

Só um deles, Fernando Osório, um primo dos Lumières, a foi buscar para dançar. Ela não sabia andar nos saltos altos, e os pés enrolaram-se num tapete curto, esteve em riscos de cair. Osório segurou-a pela cinta, e a mão dele, mão nervosa de rapaz, pareceu-lhe familiar; como quando o filho de Mabília, o mais novo, a agarrava nos braços, ajudando-a a pular dos muros quando iam ambos em busca de míscaros pelas matas de Gervide.

Um outro homem a notou e lhe deu atenção. Era o dono da casa, Pedro Lumières, um excêntrico, com efeitos lendários na região. Viviam na propriedade das Jacas, ele e a mulher, sonsa e de tipo flamengo, que o adorava. A casa das Jacas, de estilo acastelado, estava em ruínas. Pairava algo de repugnante sobre

esse idílio dos Lumières: ele erudito e jogador, ela obediente como um cão, fazendo tarefas desprezíveis, dispensando criadas para qualquer serviço. Era o amor a dois, tão maligno como um ódio puro. Em volta deles não crescia nada, os animais morriam, as vinhas secavam, os frutos apodreciam. Paixão tão absoluta convertia tudo em pó. Ouviam-se pela casa os passos de Simona, que andava descalça mesmo com o tempo mais frio. Não recebiam. Só Pedro Lumières tinha algumas visitas, mas não as retribuía. Parecia esperar um acontecimento que por fim decidisse a sua vida separada do mundo como por uma rede de prisão. Havia um carro abandonado no pátio e há muito que não funcionava. Era um carro grande, verde, com assentos de couro, e fora posto em marcha a última vez, há mais de dez anos. A buzina de prata anunciava como um arauto a chegada desse Magriço inteligente que era o dono das Jacas. O baile, o último, ficou presente no imaginário sensual que a sociedade comanda. Reuniu na maioria as burguesas com "muito de seu", como se dizia no Romesal para referir bens de fortuna; elas consideravam o baile uma trégua no silêncio do corpo e da alma, silêncio em que, entre elas, se reconheciam. Sem deixar de ser neurótica, a mulher quebrou em parte esse silêncio. O tom de inimizade, que identificava a sua "impureza", prontamente notada quando se aproximavam entre si, se não foi abolido, também não tomou proporções maiores. Justamente porque o silêncio foi quebrado e o símbolo tornou-se desnecessário. Entre os quais, o baile.

O baile, tal como o das Jacas, tinha ainda o carácter de entreter a fábula sexual e confirmar o conselho das famílias. Ema, que provinha duma casa onde ela era soberana e onde não tinha que justificar os impulsos, e em que bater em Ritinha era tão natural como sentá-la à mesa e servi-la ela própria, sentiu-se desadaptada. E, no entanto, o baile fez nela uma impressão fulminante. Mediu, de repente, a sua situação de jovem esposa de um homem medíocre, cujas peúgas escorregavam para os tornozelos e que usava sapatões de marcha com o smoking mal

talhado. Ela própria, bonita como era, irritou-se com a figura que via nos espelhos: uma provinciana demasiado enfeitada e cujos brincos de minas pareciam um ex-voto da Senhora das Dores. De nada valeu a dança com Osório que, farto de a tentar distrair sem que ela sorrisse, a largou junto de duas senhoras que falavam agitadamente das doenças dos filhos pequenos. Punham na conversa tanto empenho, que ela soava falso. Estavam decerto assustadas com a ideia de ninguém reparar nelas e parecerem abaixo da condição que desejavam representar. “São, como eu, modelos de domésticas, e o livro de cabeceira delas é uma agenda com calendário e horário dos comboios” — pensou Ema. A sua própria insignificância apresentou-se com nitidez tal, que Ema sacudiu com força os cabelos, donde se desprende um ramo de rosas-chá. Foi nessa altura que Pedro Lumières passou e levantou do chão as flores. Olhou com desprezo as rosas fingidas, mas entregou-as duma maneira cordial. A beleza de Ema pareceu-lhe deliciosa, e os olhos dele semi-cerraram-se para a apreciar. As duas senhoras calaram-se instantaneamente, expulsas do seu domínio prático onde se refugiavam com alcofas de crianças e uma dignidade domingueira. Pedro disse:

— Não é tipo de pessoa que se espera encontrar aqui, apesar de eu a ter convidado.

— Porquê? — Ela estava tão infeliz que a sua originalidade sobressaía, como a de alguém que não tem nada a perder. — É um baile como outro qualquer.

— Conhece outro qualquer?

— Não. Por isso digo “outro qualquer”. Não se parecem todos? No cinema, são todos iguais.

Lumières não a estava a ouvir. Pensava que se Ema aprendesse a vestir-se ia causar algum sobressalto naquela sociedade que nem se dignava pronunciar-lhe o nome. Era a “mulher do doutor”, e Carlos Paiva recebia assim um tratamento inconfundível, que o ligava à Caverneira para sempre, embora não fosse jamais consultado em casos graves. Mas Maria Semblano con-

cedia-lhe a sua protecção ao confiar-lhe os seus manuscritos. Ele corrigia-lhe os originais com uma discricção tumular, não lhe divulgando os erros de ortografia. Ela passou, Berenice arrasando a fulgurante cabeleira, e havia um murmúrio extasiado atrás dela, feito de sincero amor e adulação áulica. Maria Loreto vestia uma espécie de túnica pesada, dum beije escuro que agia na pele como uma maquilhagem. Os seus famosos brincos de esmeraldas percebiam-se entre o crespo cabelo. Era uma ruiva grande, de nariz curvo e olhos amendoados, a quem não faltava uma simplicidade trágica, tomando por modelo as mártires dos primeiros tempos do cristianismo, Santa Petronilla e Santa Justa avançando no meio da turba agitada. Mas ali pouco faltava para se põrem de joelhos e pedirem a sua bênção. Ela parou uma fracção de segundo quando viu Ema. Mas, decerto incomodada com a presença de Pedro Lumières, seguiu, dispensando-lhe um sorriso áspero.

— Que foi que eu lhe fiz? — disse Ema.

— Oh! Não pense que ela se preocupasse com qualquer coisa que lhe fizesse. É um tigre de circo, nunca conheceu a selva nem sabia como comportar-se lá. O mal é só um tema de homilia; não sabe se existe.

— É assim tão invulnerável?

— Todos gostam dela. Até os inimigos dela os conta como amigos.

Ema viu o marido que dormitava, tendo uma das horríveis peúgas com baguete a descobrir a pele branca em que se enovelavam pêlos brilhantes. Pedro Lumières, distraído ou insolente, não o reconheceu. — Este aqui parece um enfermeiro da noite — disse.

Ema agarrrou-lhe rapidamente o braço, e esse gesto parecia ousado demais para outro que não fosse Pedro Lumières. Para ele, parecia uma súplica; e era o que realmente era.

O baile das Jacas, que nunca mais se repetiu, ficou muito tempo no pensamento de Ema. Via-se dançar airosamente (mais airosamente do que dançara de facto) nos braços de Fernando

Osório; o cheiro dele, cheiro de bom tabaco e de sabão caro, lembrava-lhe como algo de distinto que só a ele pertencesse. O seu ar pachorrento e másculo fazia-lhe saltar as lágrimas. Devia ser bom ter em casa um homem assim, que a ouvisse durante todo o tempo que ela tivesse para se queixar das suas decepções. Ele tirava do bolso a bolsa do tabaco e lentamente enchia o cachimbo, pondo na operação um fleumático enlevo que podia parecer prazer de compartilhar a festa íntima do casamento, os seus pequenos segredos de finanças a que o amor imprimia um efeito de risco e desafio comum. Carlos não se parecia com esse retrato que ela todos os dias embelezava com novos pormenores. Como Fernando Osório se esquecera da bolsa do tabaco em cima duma mesa, Ema apoderou-se dela e meteu-a no saco de mão disfarçadamente. Durante muito tempo aspirava o cheiro do tabaco, e o ventre comovia-se com um desejo brutal, que ela só acalmava saindo de casa e dando pelos arredores um passeio que a fatigava. Ia até ao rio e voltava, muito pálida, com um fio de febre, calada. Carlos não reparava nesses sintomas a não ser para lhe receitar vitaminas. Vivia ocupado com os doentes e as intrigas da profissão; sentia-se feliz porque a mulher não parecia exigente nem se queria juntar aos casais cristãos que a Semblano aplaudia sem nunca captar o marido para esse exercício. O velho Semblano, lúbrico como um macaco mas espirituoso em coisas da carne, disse que não apreciava os retiros espirituais dos casais.

— Tenho medo de perder a graça. — E fez uma pirueta, rodando sobre um pé só, como sempre que estava contente consigo próprio.

A casa que Ema encontrou em Vale Abraão não se comparava com o Romesal. Era mais acanhada, mais escura, com móveis baratos, louceiros de alçado onde se viam muitas xícaras rachadas e pires soltos. As cortinas pingavam dos varões e não se tinham substituído desde que a última Paivoa se casara e fora viver para Lisboa. Há uns bons vinte anos. Ema fez algumas transformações, mas Carlos cortava nas despesas porque

o consultório era caro e tinha uma empregada que lhe exigia sempre aumentos e que ele lhe pagasse um curso de informática. Ele lembrava-se de quando o avô, médico também, fazia circuncisões em casa e fervia seringas na chama duma vela. Esses tempos históricos pareciam-lhe bem melhores. O cliente entrava pela porta da cozinha e deixava azeite e vinho para todo o ano. Agora a burocracia abafava a iniciativa, o doente não era mais um convidado para o rito nobre da doença e cura. Era mandado para um terminal de saúde onde lhe faziam exames e donde saía munido de papéis que se acumulavam sobre o seu caso como provas dum crime.

O telefone tocava só para Carlos, chamando-o à sua clientela; ou então eram vendedores de adubos que lhe propunham novos compostos. Ema cansava-se de nada fazer, as filhas não a interessavam, achava-as um pouco tolas, com caras de anjos de barro mal cozido, embirrando, sujando tudo. O belo sofá forrado de linho inglês, que Ema copiara dum que havia nas Jacas, aparecera rasgado e imundo. Pilhas de roupa suja amontoavam-se no quarto, e a cama ficava o dia inteiro por fazer. Carlos, para a contentar, deixou que ela comprasse um carrinho amarelo, em segunda mão, um carro de rapaz, descapotável e muito rápido. Ema achou que devia usar roupa a condizer, e quis vestir-se duma maneira mais ousada. Pedro Dossém, que era seu pajem, embora casado com uma inglesa aficcionada ao golf, deu-lhe alguns conselhos. Depressa Ema tomou o gosto duma extravagância que, para não ser de má nota, tinha que ser dispendiosa. Apareceram no seu guarda-fato os casacos de alpaca, de caxemira e de couro. Os sapatos eram tão caros que Carlos nunca soube o preço; tinha luvas que a própria Maria Semblano não suspeitava existirem. Trazia-lhas Pedro Dossém de Paris, e Ema tornou-se conhecedora do seu talhe, da pele, do forro, e recusava tudo que não tivesse marca estrangeira. Os Dior, os Hermès, os objectos de toilette com monograma, os lenços de cambraia com bordado expressamente encomendado para ela. Lendo um dia o romance da Dama das Camélias,

ficou impressionada com o leilão, depois da sua morte, onde só havia ouro e prata nas coisas pessoais dela. E ouvindo dizer que não há nada mais vulgar do que um falso Chanel, ria-se das cunhadas que usavam em profusão imitações desse tipo, cinturadas com cadeias de metal.

Pedro Dossém era o seu guia, o seu confidente, o seu com-père, no espectáculo que Ema se dava a si própria. E ele, homenzinho snobe mas sem o atractivo dos leões do gosto, revia-se naquele manequim admirável em que Ema se transformava. Parecia mais alta, as botas e as calças escondiam-lhe a perna aleijada; e a beleza dela mostrava-se como algo de impróprio no quadro vegetal da província, vaidosa, cínica e cheia de compromissos de opinião. Ema não era ainda alguém de quem se espera uma surpresa má; mas começavam a olhá-la com um pouco de interesse, que era o começo duma ameaça.

Ema ia regularmente ao Porto, e Pedro Dossém acompanhava-a às passagens de modelos e apontava-lhe o que devia usar. Ela contrariava-o, movida por uma arrogância de tímida que a levava a comprar à toa coisas que não usava porque era demasiado inteligente para se cobrir de bagatelas. Também era demasiado insegura dela própria para acreditar em Deus. Isso dizia-lhe Pedro Lumières, que lia, sem intenções piedosas, Inácio de Antioquia e que a crivava de conversas exigentes. Se ela não seguia o seu pensamento, pelo menos criava uma elevação de meios que cada vez mais a afastavam de Carlos.

Só três anos depois do casamento "ficou de esperanças", como dizia Maria Semblano, a quem repugnava um vocabulário popular. Estar prenhe era para as gatas, e cheia para as vacas; e as raparigas que se deitavam com o velho Semblano, no chalé ao fundo do jardim, essas podia-se dizer que engravidavam. Enquanto que o termo "alcançar", antiquado e plebeu, se destinava a recém-casadas de baixa condição, mas honestas.

Carlos pareceu apropriar-se da gestação da criança. Engordou, fez-se preguiçoso, saía tarde de casa; e havia nele singularidades que eram a convalescença do primeiro casamento, que

não gozara e que o deixara ignorante das coisas da cama, como uma experiência má ou, pelo menos, um pouco incómoda. Com Ema, percebeu que a felicidade estava ao alcance das suas poses e dos seus direitos. Era aquela mulher turbulenta e sempre em vias de o deixar ficar mal, com inconveniências que não eram vulgares, mas espirituosas. E que a beleza dela tornava menos agressivas.

Quando a criança nasceu, Ema mandou vir Ritinha e teve-a em casa só como engomadeira da menina. Depois quis uma *nurse* que alojou fora de casa com a pequena Lolota, que teve a sua área privada, decorada com um luxo desconhecido até nas famílias mais abastadas. Só os filhos de Maria Semblano tinham tido ama e um pónei de crinas douradas. Vendo Carlos preocupado com as despesas que se tornavam excessivas, ofereceu-se para falar com Ema e chamá-la à razão. Carlos recusou. Receava que se fechassem mais as fronteiras do seu entendimento com a mulher. Não sabia o que esperar dela. Mas amava-a muito; amava as suas extravagâncias, os seus penteados, e até a ligeira insinuação de pecados que ela usava como se fossem perfumes. Outro dos seus delírios eram os perfumes. A casa rescendia a incenso, a aloés, a sândalo, a nardo, a almíscar. Um relógio floral girava à volta dela, e Ema foi das primeiras mulheres a pintar os olhos como Jezebel quando esperava Jehú. Maria Semblano, quando ela saía, ia abrir de par em par as janelas. Raramente recebia Ema, mas o perfume dela ficava por toda a parte, nos guardanapos, que, depois de muito lavados, ainda denunciavam o cheiro de jasmim e da rosa damasquina. Carlos viu-a fumar e entrar tarde; viu-a com amigos que ele não conhecia e que mal o cumprimentavam, tratando-o de alto, bebendo-lhe o seu bom vinho e deixando queimadelas de cigarro nas toalhas. Paulino Cardeano disse-lhe:

— Você é um bodas. Deixa-a fazer tudo quanto ela quer e pede-lhe desculpa por existir. As mulheres são como os cavalos: rédea curta e antolhos, cilha apertada.



— Não, Ema é diferente. Damo-nos bem, afinal. Não me posso queixar, damo-nos bem.

Paulino Cardeano achava que era melhor não interferir. Tinha um fraco por Ema, estava pronto a acusar Carlos e a receber de braços abertos a filha, se ela se separasse. Mas quando a via, vistosa como uma actriz, com *écharpes* que voavam em volta dela e vestida com uma elegância exasperante, arrependia-se de a imaginar de volta ao Romesal. Apetecia-lhe consolá-la da manqueira de que ela sofria; até sentia um certo gosto azedo em reparar naquele defeito e atribuir-lhe o sentido dum castigo. Carlos habituou-se a ver duplicadas as despesas, trabalhou mais, fez dívidas e pagou-as. As pessoas viam na sua obstinação profissional o sinal duma competência. Ema era o seu emblema, a pluma no seu chapéu, a flor na sua lapela. Da jovem que ele qualificara como angélica e a quem oferecera um prato de figos no restaurante, em Lamego, já não restava nada. Às vezes, porém, enternecia-se a contemplá-la, vindo-lhe à memória a mãe dela, de quem Ema tinha a beleza casta e o porte levemente distante. Ela era uma Guedes, de Loureiro, gente que nunca enriquecera mas tinha casa de sobrado e alpendre desde o século XV. Com o tempo, degeneraram, sem perder um acabamento polido como o que se dá aos móveis de alta marcenaria. Os cabelos tornavam-se finos demais, os dentes ficavam acavalados, as mãos e os pés reduziam-se. Mas tinham uma graça que é parente da morte que se tem por perfectionista. Os Guedes de Loureiro, de origem bretã, eram todos indolentes, “uns perdidos”, no entender das formidáveis Paivoas, as irmãs de Carlos. Mas havia uma inveja opiniosa nessas considerações. A inveja era o carácter das Paivoas; se a cobiça não fosse o medo de não corresponderem ao respeito e apreço do seu público, elas não eram senão sacos de tripas, como o senhor de Talleyrand.

Uma coisa Ema apreciava na casa de Vale Abraão: a varanda. Dizem que *varanda* é uma palavra celta, que significa barreira. Talvez seja. Não se sabe porque teve tão alto crédito na arquitectura rural e urbana. É uma espécie de ventre que se projecta

sobre a rua; é uma demonstração de poder e afectação de desejos. Serve para cortejar o mundo e dar prova das condições do indivíduo, comparando-o ao imaginário em que a sociedade cresce e perdura.

A varanda, tanto permite o olhar que avalia, até ser pecaminoso (a varanda onde Goya instala a Celestina, velha observadora e profunda nas suas rapacidades, encobre na sombra a virginal pécora, que se destina a ser descoberta para glória dos desejos humanos), como serve de recreio às mulheres demasiado fechadas e consumidas de obrigações. A varanda é mais sensual do que licenciosa. É um lugar de aprazível pausa; enquanto que a reixa é uma forma de confessionário e um obstáculo permissivo dos apetites.

A varanda de Vale Abraão, pintada de zarcão e em mau estado, sendo que os barrotes de madeira estavam podres e toda ela em vias de ruína, conheceu, com a chegada de Ema, um novo afecto. Ela deu-lhe serventia e até gosto que prolongava o conforto do interior, abrindo para a sala nobre através de portadas com maçanetas de porcelana e que Ema se apressou a mudar por outras, de vidro verde facetado.

Na varanda Ema passou os dias cálidos, com as filhas recém-nascidas no regaço, Lolota, que era uma criança grande demais e que parecia atrasada; e Luisona, a mais bonita, doce e tão sossegada que não chorava nunca, mesmo quando contrariada ou doente. Ema perguntava-se que género de insuficiência ela teria, lembrando-se que as Guedes eram todas estranhas e a própria mãe de Ema não tivera dores de parto e, se magoada, não sentia nada, nem pelo fogo, nem pelo ferro. Aos poucos, a memória dessa gente, insigne alguma dela, os do senhorio de Murça, por exemplo, apagara-se. Ema não tinha particular respeito por eles; antes os achava um peso nos seus ombros, que ela sacudia sempre que podia. Outras vezes, já quando arrebatada pelas suas desastrosas aventuras, falava dos Guedes como se os trouxesse no sangue e gozasse da sua investidura e grandes feitos. Quanto mais sentia que descia no respeito da opinião,

mais se vingava em bater-se, tendo por parceiros os Guedes de Murça e os de Loureiro, de quem nada se sabia senão que um deles morrera em Alcácer-Quibir e outro tivera amores no Paço.

Da varanda Ema ouvia o salto das bogas no rio e via os pescadores retirar os muges mortos dos ceirões de ouriços que se acumulavam no fundo das margens quando do tempo das castanhas. Ofereciam-lhe o peixe, ao passar no caminho; e ela não respondia, pousando o braço na barra da varanda, deixando-se amar num olhar de gula que lhe dirigiam os homens, pálidos das primeiras névoas de Outubro.

Vencidas as febres da dentição, livres já das doenças da infância, tanto Lolota como Luisona foram muito requisitadas pelas Paivoas, que deram em ser mães de papel e as levaram para Lisboa e as educaram quase de contínuo. Ema não reagiu. Ficava livre para uma espécie de solidão que cultivava como uma promessa. Carlos não a importunava; habituara-se a andar sem ela e a dispensar-lhe a companhia. Se a senhora Semblano, da Caverneira, lhe pedia que a levasse aos jantares que dava todas as primeiras quintas-feiras do mês, Carlos desculpava Ema. Chegava a dizer que ela sofria duma depressão singular e incurável devido ao defeito da sua manqueira.

— Não a posso obrigar. É tímida e tem problemas muito complicados — dizia.

Mas como Ema atava relações com as pessoas mais desabusadas da região, ou as mais excêntricas, Carlos Paiva caía no ridículo. Ultimamente ela visitava muito Tomásia do Fafel, que era feia mas extraordinária em brios que só aos homens competiam. Era caçadora e bom ginete; e foi a primeira mulher da alta a ter um filho de solteira e a criá-lo à vista de todos, com honra e vagares de muita filosofia. Gostava de andar pela serra em tempo de trovoadas e cheirar o enxofre das descargas. Ema admirava-a, como admirava tudo que era desordenado e atrevido.

Carlos só conseguia viver em paz porque lhe tolerava todos os caprichos, esperando que a idade fizesse de Ema uma senhora,

já esquecida da época de provocação que atravessava. Às vezes pensava que ela não era de todo normal; era uma escapatória para não ter que se desiludir sobre si próprio. Ema usava a arma dos profetas, que é assustar para obter atenção. O seu defeito, a leve manqueira, era às vezes mais pronunciado, como quando estava mais perturbada e infeliz. E nunca parecia coisa de que ela gostasse de privar-se; despertava, com a deformidade, uma inquietação súbita nos outros, o que não poderia conseguir com uma presença banal.

A casa tomara um aspecto irrealista, introduzira nela modificações, como a cozinha modelo, com balcões de aço e uma geladeira onde cabia uma pessoa de pé. A cozinha modelo e o quarto de banho estilo anúncio de sais e sabonetes, ou mesmo como lugar onde se bebe um whisky de malte, entravam nos costumes burgueses com a embriaguez da promoção pessoal. Ema mandou fazer cadeiras de espaldar alto, forradas de cetim branco, para a sala de jantar. Passou a adquirir quadros e, um dia, dando de cara com o seu desenho de Minerva, mandou-o para o sótão onde estavam também quase todas as prendas de casamento, taças para azeitonas com colher de prata perfurada, e um serviço de louça aos raminhos. Quis pratos de prata para marcar os lugares, e Carlos teve que desdobrar a sua cirurgia para pagar em prestações essa extravagância. Mas tirava algum proveito dessas fantasias; corria o boato de que Ema era muito rica e que herdara muitos bens de tios e tias. A confiança tomava proporções sólidas, pois há uma conexão lógica entre as razões e os actos. Se os Paivas gastavam assim, era porque havia uma fonte de rendimento por detrás. Não sendo o volfrâmio e a emigração, motivos de riqueza já injustificáveis, restava o favor político e as suas combinações redentoras. Mas Carlos fazia o seu trabalho, dormia muito e confiava na sorte. Ema desempenhava um papel cada vez mais excitante, embora não se lhe conhecessem aventuras. Os homens são gratos para com as mulheres que servem de pretexto sem querer servir de prova.

Às vezes pensava na cândida nobreza do Romesal, nos quartos onde a castanha se amontoava, no cepo à entrada da cozinha onde dantes se sentavam os mendigos e que servia de degrau para o cardenho das mulheres. Parecia-lhe tudo muito distante e não sabia se lhe interessava recuperar aquilo. A corte de mulheres, que a amavam, que a penteavam lentamente falando dos amantes que estavam em África, dos irmãos que voltavam e se drogavam. Morriam uns e outros no tumulto dos acontecimentos e, passados alguns meses, não se falava mais deles. Enterravam-se os caixões com pedras dentro, ficavam os corpos ao crepitar do sol abundante e justo. Um sol kantiano, de acordo com a liberdade de todos e de cada um, para fazer germinar e para fazer apodrecer. Ema perguntava às vezes por eles, os jovens maridos, os primos que escreviam cartas um pouco fúteis, de não ter que dizer nem motivos morais para o dizer. Ema soube por Ritinha que Nelson dera um tiro nele próprio para o trazerem depressa para casa. As condições não eram favoráveis para o heroísmo, morria-se em emboscadas, por simples azar. Francisco era piloto aviador, foi vender um avião roubado a Pretória. Era inconcebível como ele se safava daquelas histórias, a não ser que houvesse uma ordem que se opunha à razão de direito, que fundava um preceito novo da razão prática; assim, era possível Francisco, que fora mau aluno do seminário e filho extremoso da Mabília, entrar numa relação de conveniência em tudo contrária aos princípios morais. Como ele nunca se filiara profundamente numa regra de vida nem se importava com actos virtuosos senão como condescendências aos transportes histéricos da mãe, não sofrera com a passagem a um mundo sacrílego, mundo de crime em que nem sequer se vislumbrava a colisão de direitos: tudo era possível se não era abolido pela morte. Ema sentia alguma fascinação por esse mundo se pensava em Francisco, que, de resto, vivia impunemente a sua carreira de piloto, convencido de que a força criava o direito, embora não se devesse subestimar a eficácia natural que resulta dos contratos e do poder afectivo das pessoas. Casara e costu-

mava censurar a anarquia geral em que o país estava comprometido.

Francisco era ainda um dos seus suportes sentimentais, um elo com a juventude no Romesal e, de certo modo, um ideal de companheiro, fora de qualquer intenção sedutora. Homens como Francisco podem ser, como ele era, inteligentes e delicados, capazes de desempenhar um cargo com competência, mas totalmente cegos à moral. Isto foi o que Ema conservou daquela lição que fora a sua convivência com Francisco, no Romesal. Ele foi o seu protótipo que a infância absorveu com singular paixão. De certo modo, era o protótipo da sua época.

Ema tinha ainda presentes as festas de Lamego, decorridas na concha do Verão abismado no disco do sol, e lembrava-se das corridas de cavalos de amadores em que concorria uma mulher: Tomásia de Fafel. Não era feia, mas só hombruna e desabrida. Corria sem selim e sem estribos, e mesmo assim ganhava com grande avanço; numa nuvem de pó branco Ema via-a, mal vestida com umas calças de algodão e calçando sapatilhas. Tomásia era chegada às casas melhores da região, e teve um filho sem pai conhecido que ela criou para lorde, deixando-lhe uma fortuna. Nunca se quis casar. Era mais velha do que Ema um par de anos e representava uma casta de mulheres que não sabem medir a força das suas paixões senão pela capacidade de as debelar. Ema sentia-se mesquinha e insignificante face à fogosa personalidade da Fafel que, na realidade, se chamava Maria Tomásia Bernardina. Essas mulheres originais desapareceram cedo da face da sociedade, que não alimenta bocas ociosas. Aos quarenta anos já ninguém falava dela; nem bem nem mal. Era um enterro sem epitáfio, e Tomásia caiu num poço de silêncio onde se amarrou às antigas virtudes raciais que desprezara antes. De resto, a revolução de 1974 sepultou essas vistosas marcas de elegância feudal e substituiu-as pela devoção partidária. Não se admirava mais ninguém, trocava-se o voto pelos benefícios do supermercado e os serviços sociais. Tomásia via o filho crescer para a vida diplomática e sentia-se

feliz em tê-lo feito tão rico que o consideravam apto para ser tratado londrinamente, como um inútil de carreira.

Esta Tomásia foi mais tarde confidente de Ema, quando a confiança era uma operação indolor e não significava mais do que um derivativo da alma que ganhava cabelos brancos. Viu Tomásia em Lamego, pela primeira vez. Na romaria de Lamego, Branca contara-lhe que perdera a virgindade e um brinco de bolinha. A mata, como o bosque de Arícia, guardava segredos que não cabiam no eucológico pastoral. Era imensa, de grande poder testemunhal quanto a prazeres e a seduções. Três quartos das raparigas da região tinham passado por lá com mais ou menos objecções e proveito. Até Carlos, que se podia nomear como virtuoso, que é uma palavra indizível para homens triunfais, levava à mata dos Remédios duas enfermeiras com quem teve amores passageiros ou simples entrevistas que o garantiram na lista dos licenciosos da família hospitalar; o que era falso, porque Carlos nunca conhecera a virulência das paixões da adolescência, e como rapaz adulto nem sequer era sensível às coisas malsãs que às vezes corrigem os efeitos das coisas sãs. Não era um Tartufo, mas desprezava as condições falsas do amor clandestino. A imaginação não era o seu forte, e ele dava mais ouvidos ao orgulho da sua consciência de *quadro*.

E, além do mais, Ema bastava-lhe. Amava-a com a teimosia que as pessoas do campo põem nas coisas da sua propriedade; não se via como infiel, assim como não se veria ladrão ou falsário. Era uma questão de desconfiança por caminhos que não cabiam na sua aritmética existencial. Há coisas que se aprende serem para os outros, e isso permite um domínio dos nervos e um toque de má fé para com o género humano. Estamos senis quando nos consideramos definitivamente amadurecidos.

A partir dos sete anos de casamento, Carlos tornava-se, sujeito a desesperos brutais com respeito aos colegas mais bem situados na carreira ou que tinham subido muito depressa. Atribuía-lhes carácter duvidoso e um comportamento dúbio e corrupto. Não perdoava as menores faltas, sobretudo aquelas que podiam

significar para ele qualquer humilhação. Encarava a vida do ponto de vista do defunto, como disse Simona um dia, olhando-o com não se sabe que celerados pensamentos. Carlos tinha-lhe medo mas, como era mais forte do que o medo a passagem curiosa pela casa das Jacas, perdia-se entre a repulsa e a atracção daquela mulher.

Quase por efeito duma soma de desesperos conjugais que não chegam a significar um desgosto, mas só a inibição do próprio desgosto, Carlos começou a entrar nas Jacas com uma naturalidade "branqueada". Como dinheiro de origem crapulosa entra num banco e sai limpo das suas máculas: Ele queria chegar ao fundo dum enigma, Ema, que ele não ousava interrogar nunca, sob que pretexto fosse. Constituíam um casal feliz, com vidas um pouco separadas e sustentadas por uma tonalidade irónica que diz bem a todos os casais. A ridicularizar-se esse limbo premeditado do casamento, consegue-se iludir uma consciência abissal dos seus perigos. Eram desconhecidos bem intencionados, interessados num sonambulismo em pantufas que partilhavam, não partilhando mais nada.

Quando, pela mão do marido, Ema entrou na casa das Jacas, aparentemente não fez mais do que uma visita de cortesia. Era um jantar simples, mas tão bem organizado e servido, que despertou em Ema uma fascinação singular. Simona estava vestida como se acabasse de alinhar o vestido que lhe caía com uma sumptuosidade merecida. Era magra, e a sua nudez não devia resultar muito atractiva; mas havia nela um desprezo pela felicidade mesquinha, e a sua beleza era apenas isso. "Como é? — disse Ema — Ela percebe que todos nós estamos aqui reunidos à custa de mutilações terríveis." Recuou para o fundo do seu cadeirão, e um frio viscoso percorreu-a.

Nessa mesma noite declarou a Carlos que Simona lhe desagradara e que achava o marido dela uma espécie de corvo, à cabeceira da mesa, crocitando.

— Não percebi nada do que ele dizia. Tem uma cultura acima do vulgar, mas tem também qualquer coisa de criminoso.

Carlos, que desatava os cordões dos sapatos, mostrou-se distraído com essa operação. As conversas de carácter íntimo causavam-lhe apreensão e até medo. Mas gostava de proporcionar a Ema ocasião para ela desenvolver as suas aptidões, oferecendo-lhe um luxo de imaginação que ele próprio não era capaz de lhe dar. Receava talvez perdê-la se ficassem demasiado a sós. Por isso, em dado momento, foi tão importante para ele sair com amigos e entabular novas relações, arrastando Ema com ele, como a vítima para o holocausto. A casa das Jacas parecia o local apropriado para nele se efectuar um sacrifício: para que o amor de Carlos por Ema fosse degolado e daí resultasse um renascimento. As paixões têm que ser feridas de morte para atingirem a encarnação de qualquer outra relação humana, como a que a cultura proporciona ou o dinheiro admite. Há uma história de bestialidade vencida em todo o sucesso dum argentário ou dum filósofo.

Carlos percebia que Ema estava perto de cometer uma loucura, e achou que devia premeditar outra loucura mais conforme o plano da família. Deu-lhe a escolher Pedro Lumières, que era, no seu entender, um robot com vantagens sobre os outros homens: sabia falar de amor. Era de Pedro Lumières que Ema precisava para não se sentir inferior à casta de mulheres amadas. Duma maneira astuta, mas sem grandes prodígios psicológicos, Carlos conhecia Ema. Amava-a, mas era irredutível a qualquer originalidade; como o amor é e será sempre. Como conservar Ema, até que o sexo se tornasse menos vingativo, era a sua preocupação. Chegara ao ponto do casamento em que o consentimento da mulher é pior do que a recusa; é uma saciedade ainda inocente. Percebia que Ema estava prestes a cair nos ciúmes persecutórios que são afinal um desânimo do amor. Já lhe fazia perguntas intempestivas, lia-lhe as cartas, tentava encontrar-lhes um sentido dúbio e comprometedor. Estava alterada, tinha crises de indolência, não se vestia durante dois dias. Depois arranjava-se de ponto em branco, pintava-se como se fosse pisar um palco e descia a escada com passo desafiador.

As filhas olhavam-na maravilhadas, e Lolota, que era um pouco parada, balbuciava:

— Como tu estás linda !

— Como tu és tola, minha filha !

Não amava as crianças, mas queria-as bem tratadas, servidas, mantidas com luxo para não destoarem da casa e dela própria que parecia um quadro, como Ritinha dizia por gestos largos e espantosos. De facto, a beleza de Ema tornara-se tão evidente que causava uma espécie de paralisia. Aquilo que se não critica desenvolve uma obediência capaz de, para encontrar saída, cair noutras reprovações. Ema passou a ser pasto de maldicência e ainda não tinha feito nada de condenável. Foi nessa altura que lhe inventaram o título de madame Bovary.

— A Bovarinha — disse Lumières, divertido. Nunca tinha reparado nessa mulher senão para comentar consigo mesmo que ela era bonita demais para as suas posses. A beleza que não se ajusta aos meios que a garantem entra no temor de ofendida. Para provar esse pensamento, na linha das suas denúncias morais, Lumières convidou Carlos e a mulher quando deu o baile; foi a última vez que se abriram os velhos salões das Jacas. Depois a Revolução mudou tudo, fortunas e paisagens. Lumières e a mulher deixaram de receber e fecharam-se para o mundo.

— Eu — disse Lumières — orgulho-me de ser um robot bem afinado, muito além do meu século. E do meu sexo. — Ele riu-se.

A mulher ouvia-o com uma deliciada frieza; percebia-se que eram inseparáveis, mas que se privavam um do outro no que em geral as pessoas julgam ter em comum: os desejos, que tantas informações falsas dão sobre a pessoa. Lumières e Simona eram pessoas duma espécie incalculável, em contraste com os casais que eles consideravam apenas como um sonho fantástico. Na casa das Jacas, tão solitária como convinha àquele par “colado à parede”, como dizia Lumières, quase não se sentiam passos. Às vezes, uma porta fechava-se devagar. A um lado, no terraço, estava um velho Buick que se ia desfazendo sem que

servisse senão para abrigo dos gatos vadios. Uma criança passava, de raspão, sem se deixar ver bem, filho ou filha dos caseiros e, como eles, com um subtil passo de veado, que os levava como que para a densidade do bosque silencioso. Lumières aparecia à entrada, alto e desengonçado, sempre com um livro na mão; o portão ferrugento estava entreaberto, mas, se reparássemos, uma cadeia de ferro impedia a passagem. Parecia que as Jacas estavam sob o efeito dum feitiço; os caseiros, ao menos, diziam isso. Mas não. Lumières era um sábio, à sua maneira, e tinha uma disposição íntima para uma letargia quase semelhante a um estado de senilidade.

Foi ele que quase levou Ema pela mão à casa da Caverneira e a apresentou, antes de Carlos pensar nisso. Mas Carlos acompanhou-os. As vinhas, com oliveiras a cercá-las, estavam carregadas ainda da uva de mesa, a última a ser cortada. Foram a pé, a distância era curta, bastava subir uma estrada entre bardos; a noite não caíra ainda. Ela sentia-se tremer no vestido de seda clara, que Lumières escolhera para ela. Dera-lhe instruções de como devia vestir-se, era como se a preparasse para cometer um crime.

— Tens frio? — disse Carlos. Ela negou, mas chegou-se ao braço dele, e sentiu com indignação o cheiro do seu tabaco vulgar e da loção da barba, uma loção de anúncio, quase pestilenta. Ele nunca se habituaria a gastar, embora fosse já rico e fizesse operações bancárias bastante avultadas. Dizia-se que extraía mais lucros do jogo da Bolsa, do que pedras das suas vesículas. A fadiga tornava-o macilento e envelhecido. Além disso, nunca dançara na vida, a não ser um *twist* nas festas de curso, com colegas ligeiramente embriagadas que o tratavam como irmão. Ela lembrava-se: que fora ele fazer àquele baile, com o *smoking* apertado nas cavas e os sapatos de grossas solas de celeiro? Por economia não comprara outros, de polimento. Ema pensou que iam dar triste espectáculo da sua mediania, e carregou o semblante; isto fê-la parecer altiva e favoreceu-lhe o rosto miúdo, os olhos largos puxados para as fontes. No meio

de tantas mulheres desenvoltas e picantes, que, no seu meio, parodiavam as mulheres galantes e até as rameiras, Ema sentiu-se ignorada. De facto, davam pela presença dela, mas seria abrir uma brecha no baluarte de defesa, se o manifestassem. Pedro veio em socorro dela, e nunca Ema percebeu melhor as incoerentes fases da amizade, fabricada às vezes por intermédio duma infelicidade imediata. Estava apavorada e aceitou a companhia de Lumières com uma sofreguidão que a ela própria surpreendeu. Carlos deixou-a entregue e foi beber o seu whisky aguardado que ele recomendava como vaso-dilatador. Ema disse-lhe, em voz um pouco alta demais, que fosse prudente.

— Ah, sim, está descansada. — Ele sorriu, ternamente tocado por aquele aviso, e ficou um momento mergulhado na doce persuasão de que aquilo era uma demonstração de amor da parte duma mulher bonita, a sua mulher. Pedro Lumières, com o laço meio desfeito, que ele usava para se distinguir, os míseros *papillons* hirtos e prontos a servir, encaminhou Ema para um canto da sala onde um grupo ria de maneira hilariante, com esse riso de província, bem humorado e abençoado pelo patrão da casa, o parente rico com quem é possível fazer graças. Imediatamente tomaram Ema como centro de apetites velados por uma malícia irreflectida. Lumières disse:

— Calem-se lá! Vocês não têm órgão espiritual, e os outros não são assunto de conversa diante de senhoras.

— Ó Lumières, as senhoras são uma ideia que já não é deste tempo. Usas chapéu de plumas e gola de renda? Não.

— Há quem use. Satanás usa, mas vocês que sabem disso?

— Ora esta, Satanás! Ele que disse? Vais falar das forças do mal? Eu fujo — disse um rapaz franzino, de olhos claros. Chamava-se Fernando Osório e tinha uma quinta na foz do rio Tedo; estava arruinado, e isso dava-lhe direito às suas fantasias abusivas. Mas arruinado, para um Osório, era estar enterrado em ouro até aos joelhos em vez de nadar nele.

Lumières deu por acabada a conversa e levou Ema com ele. Quisera só mostrar que ela lhe obedecia e que dispunha da sua

beleza, embora não a desejasse. Nesse ponto, ele sofria por não amar as mulheres, inclusive a dele. Para dizer doutra maneira, as mulheres eram o que ele menos amava, embora as tomasse a sério. Elas retribuíam-lhe com reconhecimento, porque preferiam ser levadas a sério, a ser amadas. Desejadas, sim, queriam ser; e alimentavam essa condição satânica nos homens que era o desejo indestrutível, dócil, afogado na escravidão que tem algo de espiritual porque, ao servir a matéria, projecta para além dela o fantasma da sua alma.

Lumières entendeu depressa que Ema tinha a capacidade, muito rara, de iluminar o desejo e fazê-lo correr como um fogo fátuo sobre os cadáveres da virilidade mítica e obstinada mas, de facto, sofredora, dos homens. Ele podia aproveitar Ema no sentido de subornar os outros homens. Era só questão de a oferecer e distribuir em doses proporcionadas e ligeiramente venenosas.

Agora tratava-se de a fazer gozar o baile, mostrar-lhe os primeiros passos na ambição, começar a produzir a obstinação que principia com a melancolia duma alma sem corpo. E Ema, embora tivesse um corpo delicioso, estava separada dele por uma série de tristezas, umas fornecidas como educação moral, inflexível às maquinações dos apetites, outras exploradas no sentido de manter até à morte a mulher amorosa, visionária duma felicidade incorruptível.

Fê-la andar pelos salões, três salões com tectos brancos, debruados a ouro, e onde se dançava alegremente. Algumas raparigas usavam sapatos de ténis para se destacarem da formal toilette de noite; mas não eram por isso menos soberbas, e os vestidos compridos eram caros e bem cortados. Quando Ema passava, seguiam-na com um olhar de repente batido e cansado. Reconheciam nela uma irrealidade que produz a capacidade do sofrimento para quem a descobre. E aquela pele ligeiramente cinza, onde brilhavam os olhos castanhos, sem lamentação e sem medo, fazia com que, de repente, se aliassem com ela. Os rapazes sentiam, de imediato, um ciúme profundo; e tratavam de as cortejar, profundamente.

Tal era o efeito que Ema causava. Sentia-se feliz, mas também surpreendida com tantas emoções, entre as quais se destacava um desejo absoluto e constante. Tudo era inferior ao seu desejo e, ao mesmo tempo, tudo lhe parecia inatingível. Tal é a força do desejo, que mais imagina do que consome.

— Está feliz, Ema? — perguntou-lhe Lumières.

— Sim, estou... — Mas deixou-o ignorar aquele tormento que se ia tornar familiar, a avidez permanente para uso da sua fome de luxo. Não só de luxo, mas de oposição ao vazio, à castração de que a ameaçava a vida conjugal e a sociedade no seu conjunto. Uma imensa vontade de lesar, de fazer mal, levantava-se nela como uma onda de frescura, de vitalidade. Voltou para casa pelo braço de Carlos, deixando que a cauda do vestido se esfiapasse no areão do jardim.

— Olha que estragas a saia — disse Carlos, meio repreensivo. Ela parou, não deu resposta alguma. Depois olhou para o céu escuro e coalhado de estrelas.

— É uma coroa por cima da minha cabeça.

Um sentimento negro, que lhe aparecia em toda a sua limpidez e grandeza, revelou-a nesse momento único de sinceridade. Quando acordou, no dia seguinte, o quarto pareceu-lhe pobre-tão e a cama de bilros desproporcionada nas quatro paredes exíguas sobre a alcatifa que tinha manchas da papa das crianças. Ralhou porque descobriu uma nódoa de café na dobra do lençol. Durante oito dias quis que se tomasse o primeiro almoço na sala de jantar, preparando um bufete com ovos e fiambre. Resultava caro e ninguém apreciava. A fruta cortada não tinha mais proveito e acabava por ser deitada fora. Carlos reprovou aquilo timidamente. Gostava de almoçar no quarto, fumando depois o primeiro cigarro, antes de fazer a barba. Ema mostrou-se, de repente, incompatível com esse hábito, falou em ter quarto à parte.

— É mais saudável e não tenho que acordar quando chegas tarde. — Foi um golpe para o marido. Amava a intimidade da

mulher, a carne nua, a carícia que o sono torna pueril; amava o todo desejável que completa a vida conjugal, a conversa de cama, a felicidade de berçário que se respira num quarto de casal nas horas em que reina uma ordem espiritual, de paz profunda, ininteligível, em que todas as humilhações ficam ofuscadas, em que o orgulho negro de amantes desaparece. São apenas dois seres inocentes, a alma é o risco proposto pelo corpo, mas um risco suspenso e reduzido apenas a uma ferida secreta, adormecida. Ema manteve a ideia dos quartos separados, mas seria preciso fazer obras na casa e reduzir mais as proporções da entrada, já assim acanhada. Preferiu deixar as coisas como estavam.

Mas um sem número de caprichos assaltaram-na. Quis viajar, mas não tinha paciência para correr as estradas nem admirar catedrais. Ficava, sedenta e irritada, nas esplanadas, a beber, como um homem, um whisky puro ou um café muito forte. A beleza de Ema era notada, ela parecia ofendida, saía de rom-pante; Carlos tinha que levar-lhe a bolsa e os óculos de sol que ela abandonara.

Outras vezes gastava doidamente em produtos de maquilhagem, pintava-se como uma actriz, usava cabeleiras e pestanas postiças. Tinha o ar duma deusa egípcia, os enormes olhos rasgados pelo lápis negro, as sombras azuis das pálpebras a carregar-lhe o olhar. Voltavam-se para a ver, Carlos começou a receber indirectas dos colegas, outros mostravam um empenho insinuante em frequentar-lhe a casa, e a mulher. Ele tinha ciúmes mas guardava recato e, sobretudo, não deixava perceber a Ema quanto o afligiam as suas fantasias e como ela o fazia sofrer. Chegava a perder o interesse pelo corpo de Ema, de tanto que a via exposta ao desejo dos outros homens. Só confiava em Pedro Lumiares, e pedia-lhe humildemente que se ocupasse de Ema. Vagamente, deixava perceber que ela era frígida e que não era ameaça para os casais bem ligados. Pedro ouvia-o com alguma reserva; os princípios incoerentes que Carlos manifestava não deixavam de o preocupar.

— Que quer dizer com os casais bem ligados? Por acaso o casamento é uma maionese? Deve ser. O dele destalhou e não sabe o que há-de fazer.

Simona, sempre agachada no chão a limpar calçado ou a mudar plantas dos vasos, não respondeu. Os cabelos lisos cobriam-lhe a cara e não se via a expressão que ela tinha. Possivelmente não estava interessada senão em dar brilho aos sapatos, fazendo entrar a graxa nos finos vincos do cabedal. Simona sempre fora educada para não temer as rivais. Não era capaz dum pensamento virulento contra ninguém, não por generosidade mas por coesão indestrutível com o seu próprio meio. Tudo o que acontecia fora dele não lhe dizia respeito.

— Que vou fazer, não me dizes?

Simona levantou a cabeça e olhou para ele com aqueles olhos pálidos, nobres e incapazes de ironia. Às vezes, Pedro Lumiares achava-a poderosa em demasia e, por isso, fechada numa espécie de letargia. O duelo com Simona era impossível; o amor, com o seu infinito comportamento batalhador, era impossível.

Sentiu uma tentação quase dolorosa de conhecer de perto a história contemporânea dos seus vizinhos. Carlos parecia esperar dele auxílio. Mas que espécie de auxílio? Via-se a braços com uma mulher que se lhe opunha inteiramente, como uma mulher faz quando está possuída de forças sobre-humanas. Enfeitada, possessa, como se dizia em tempos mais experientes e em que o fogo era um recurso contra a resistência da matéria. Pedro Lumiares foi ver Ema.

Encontrou-a pronta para sair, como estava sempre, tendo umas luvas de conduzir nas mãos pequenas e que, Pedro reparou, não eram bonitas. Esse pormenor, que escapava ao milagre de tanta beleza, tranqüilizou-o.

— Venho falar consigo — começou, sem prêambulos. — Para principiar, acho que está a passar-se consigo o que se chama



a febre da ascensão. Não tem asas, nem poderes sobrenaturais, e não quer arriscar-se a atirar-se dum quinto andar porque acredita na lei da gravidade. Em suma, precisa dum psiquiatra ou dum amante.

— Está muito enganado. Essa ideia imbecil de que tudo se resolve com uma queda ou com um banho frio! Não é assim tão simples.

Ela pareceu derrotada por ter usado palavras duma urgência que lhe repugnava. Ofereceu-lhe lugar no sofá, mas não se sentou. Aborrecia-a que alguém a perturbasse tão pacatamente quando o seu estado era o de alguém que sabe ter a vida por um fio. Que se pode dizer a alguém, nesse caso? Não podia explicar-lhe que uma mulher, ao ser engendrada no ventre da mãe, está já marcada para o insucesso. Enquanto o homem trata de se aplicar à vida por diferentes meios, a arte, a guerra e os negócios, a mulher não tem hipótese de escapar ao braço de ferro que acabará por destruir todas as suas partículas. Ela sabe que está protegida da matéria exterior pela manipulação dos sentidos e pelas fraudes da oposição a si mesma. Mas tudo é inútil.

Ema usava para com Pedro o método que se usa para com os doidos: a simulação. Discutiam de maneira inteligente, mas nada daquilo se ajustava à realidade. Para Ema, tratava-se dum profundo fracasso que ele, como homem, não podia compreender. Ema dava-lhe conta dos seus movimentos, que apenas atingiam um raio muito breve dos seus objectivos; como comprar um objecto caro, mais uma vez imitar a independência económica e, com ela, toda uma independência física de que o casamento a privava. Cada vez estava mais distraída dos seus deveres, Carlos já não sabia como falar-lhe, e as filhas escapavam dessa instabilidade com promessas de compensações, mais livros ilustrados, mais aparelhos de vídeo e mais roupas de marca. Já não suportavam nada que não fosse garantido por um estilo, eram criadas para ser belas e decorar uma empresa como dan-

tes se decorava um harém. Ema, quando cruzava com Lolota, que era tímida e assustada, pensava, como uma treinadora, o que poderia ser feito por ela no sentido duma carreira. Mas Lolota só tinha dez anos, era melhor não se preocupar demasiado.

Não se preocupar era o estribilho de Ema, que, entretanto, aumentava as suas queixas, nunca estava em casa e arranjava divertimentos novos. Carlos via-a sair com estranhos, quase implorava a Pedro Lumières que travasse aquela vadiagem sempre justificada com ocupações que se multiplicavam. Ia ao Porto pentear-se e fazer ginástica aerobiótica. Era tudo bastante inocente; Pedro Lumières dizia que as mulheres professavam no seu quadro de criatividades, como dantes professavam num convento. Mas Carlos não ficava convencido. Para ele, Ema tinha amantes e, o que era mais grave, podia a todo o momento abandoná-lo. Ignorava que os homens se tinham tornado completamente ofuscados pelo jogo dos determinismos, e a paixão já não tinha para eles o mérito dum acontecimento. Uma beleza como a de Ema não era vista como uma revelação dalguma coisa inspiradora. A época tudo absorvia, não havia em circulação obsessões que produzissem o amor lírico; os prazeres da hipocrisia superavam os prazeres do leito. Não havia sequer sensibilidade para um ciclo histórico, que se fecha: como a batalha de Alcácer-Quibir ou o cerco de Leninegrado; ou Waterloo e Trafalgar. O peso das instituições e a transferência rápida das classes impediam os sonhos, calculados ou só românticos, das pessoas de cultura. Havia toda uma composição de atitudes novas sobre o dinheiro, a doença, a vida sexual. Não se vivia para ser feliz, para suportar uma angústia, para medir forças com o destino; vivia-se para entrar numa estatística.

Ema queria saborear ainda um horror qualquer, detestar o marido medíocre e fora das leis do sucesso; amar um desconhecido que encontrasse na gare, enquanto ela, por detrás dos vidros da carruagem, pousasse nele os olhos profundos, como

se não quisesse mais acabar de olhar para ele. Quem era? Onde vivia? Ema pensava que podia amar assim, mas logo era interrompida por um telefonema, tinha hora marcada no massagista, passavam-se os modelos de Primavera num hotel, ela tinha que correr, beber o seu Campari, ir à garagem buscar o carro, ficar presa no engarrafamento das sete da tarde. Chegava a casa desfeita, comia um bacalhau com natas já repousado, abria os convites para exposições, concertos e sessões de animação ou recepções consulares. Nem sequer estava ao par do serviço da casa, as criadas pareciam todas iguais, só as batas lhes assentavam melhor ou pior. Já não se lembrava de ter despedido uma criada; elas é que saíam, nervosas, fartas, cheias de exigências com que superavam a sua necessidade de mudança e as catástrofes da insedução de tudo.

Quase sem reparar, Ema aceitou a corte de Fernando Osório, e deixou-se conquistar a ponto de pensar em separar-se e começar outra vez com um homem rico, comprometido na política e que tinha alianças apreciáveis. Ele divorciara-se e tinha três filhos a estudar. Ema pediu a Lumières informações.

— É um parvo e bebe muito — disse Pedro, pondo de lado o livro e tirando os óculos devagar. Ema tinha chegado às Jacas como um furacão e deitou para cima do tapete o casaco vermelho forrado de peles pretas. Mostrar desprezo pelo luxo parecia-lhe dum refinado gosto. — Como é? Andas a dormir com ele?

— Não, estás doido. Não é isso.

Mas confessou que Fernando Osório lhe soltara as alças do vestido, uma vez, na piscina, à noite. Não estava ninguém, e a água negra brilhava com pequenos sulcos como se fosse agitada desde o fundo.

— As alças do vestido? Não deixes fazer a nenhum homem o que podes fazer sozinha. Doutro modo, nunca te vais emancipar na vida. Que queres dele? É um unhas-de-fome e tem

três filhos como três carraças, que lhe levam tudo. Acho que comprou no nome deles os prédios no Porto. Gasta com eles o que tem e o que não tem, para os subornar. Onde o conheste?

— No baile, aqui mesmo. Foste tu que mo apresentaste.

— O baile... Só sabes falar desse baile. Parece que não te aconteceu mais nada na vida. Foi como o primeiro Congresso para um médico da Assistência. Melhor: para uma médica da Assistência. O Fernando Osório é burro. Nem sabe quem escreveu *Os Lusíadas*.

— Para ti não há ninguém que preste, ninguém que valha nada. É um desespero falar contigo.

Ela baixou-se para pegar no casaco, um pouco corrida, sem saber como manter as suas propostas de vivacidade e de audaciosos amores. Lumières cortava pela base o que ela tinha por seguro e, mais ainda: impedia-lhe imaginar afinidades com qualquer coisa de provocador. Não era a concupiscência que a movia, era a provocação que dela se socorria, o que a lançava no seu romance com Osório, ou com outro.

Levou por diante essa história, uma história dum julgamento em que, de antemão, o réu, o amante, estava condenado. Enquanto o amou, não deixou de acumular na memória factos que pudessem um dia servir para instruir-lhe o processo e para o levar ao fracasso. Isto era nela o contraponto da ânsia de poder que os homens lhe ensinavam. "O amor tem má memória" — dizia Lumières. Mas estava desconcertado; via Ema agir fora das suas instruções, dos seus panfletos contra o sentimento inculto do heroísmo. O que Ema propunha era sair do seu papel de desapontamentos feitos de opções ligeiras, ocupações duma nova integridade, a distribuição do tempo na sua vida que já não era materna nem marital; era uma vida com espaços que era preciso preencher com horários, esperas, encontros, boletins, para ser comparável a uma profissão e um cargo. Mas a arte da liberdade, que qualquer pessoa obscura inventava, a arte

de agradar que não era a intenção de conseguir uma clientela, isso tinha desaparecido. Que heroísmo havia nessa bonita mulherzinha que, se nem todos evitavam, muitos deixavam no seu canto porque ela era o que menos sugestia o pagão civilizado — era uma desconhecida? Simona deixava que ela entrasse e saísse da casa das Jacas, porque a considerava inofensiva. Lumiães nunca ia ficar tocado por ela, uma vez que só a libido livresca lhe interessava. O que não fosse escrito, passado pela ortografia correcta, fazia-o bocejar. Quando estava com ele na sala de entrada, Ema ouvia os pés nus de Simona no corredor esteirado; ou ouvia-a lá fora regar as flores, deixando correr a água nas lousas, muito tempo, como se esse desleixo fosse interromper o colóquio deles. O que decidira a intimidade de Ema com as Jacas fora, antes de tudo, a vizinhança e também o assombro incutido pela grande fachada escurialesca da casa velha. Havia outro edifício nas traseiras, datado dos anos quarenta e que representava uma euforia financeira, a última, dos Lumiães. Era um piso térreo, confortável, combinado com um estilo que fora audacioso e que subitamente envelhecera e que parecia subsistir apenas nas comédias de Hollywood. Tudo se degradara, mas era ainda bela a porta de ferro forjado e o quarto de Simona todo em palissandro, a cama sobre um estrado alcatifado.

O que impressionava mais era a avenida dos plátanos e a ruína insidiosa dos espaços entregues ao movimento das estações. Ouvia-se, claro, o apito dos comboios do outro lado do rio; e um bater de barcos no ancoradouro da Caverneira, que tinha sempre duas lanchas ao serviço dos hóspedes em trânsito para o Moledo, defronte. Ema deixou-se deslumbrar pela grandeza secreta dos lugares, esse Vale Abraão, derrotado, mas soberbo, com o seu padrão de demarcação ao canto do caminho solitário. Achou que não era tolice amar todo esse adereço de riqueza, que lhe dava esperança para ela própria ser candidata a qualquer forma de glória. Depois, Pedro Lumiães revelou-se um

bom conversador e um mestre que lhe serviu para não ter de se ignorar a ela própria. Foi ele que lhe chamou a Bovarinha, com o desprendimento senhorial de quem põe nome a um cão. E, ouvindo-o, rapidamente Maria Semblano divulgou a alcunha, sem esquecer retirar-lhe o fel da maledicência. Era uma brincadeira, embora cruel, mas não mais do que isso. Ela achava-se por demais senhora da sua vontade, para se diminuir com a malícia.

Que podia fazer Ema quando estava presa numa era de alquimia sentimental, meias verdades e paixões difusas? Queria amar e repartir-se em amor profundo, sob qualquer pretexto, sendo o conjugal o menos a propósito. Carlos Paiva teria preferido que ela passasse dez anos de infidelidade, junto dele, sem o incomodar muito, recebendo bem os amigos e dando às filhas um bom exemplo entre os notáveis, guardas da sua imagem, pecadora mas não funesta. Quem ia levantar o véu das suas escapadelas, tocar abertamente nos seus prazeres que garantiam a mensagem libidinosa em circulação? Mensagem que era ao mesmo tempo implacável e saborosa; que permitia a visão duma aliança de grupo muito mais vasta e profunda que os elos familiares e as combinações parentais.

Mas Ema estava pronta a estragar essa rede de boa vizinhança com algo de revelador, longe de qualquer cumplicidade. Ela queria amar duma maneira heróica, abusiva, selvagem. O amor assim é blasfemo. A emergência dum amor pessoal, que levanta a suspeita antiquíssima da feitiçaria, era insuportável e era inútil. Porque a sociedade cada vez mais procura estar precavida contra a paixão cega que sintoniza o desejo de dominar a morte, de deter o envelhecimento, de prolongar o prazer carnal como um direito divino. As multidões têm que estar cada vez mais submetidas, capazes de optar pelo fim sem sofrimento, desaparecendo modelarmente nas rampas que conduzem à morgue e aos fornos crematórios. Rapidamente, sem deixar vestígios. Entretanto a permissividade, tanto mais efémera quanto não é

consultada a sensualidade do indivíduo, empobrecido nos elementos naturais que a sugerem, é imposta como uma nova alquimia fáustica. Os limites do prazer parecem ser vencidos e levar a melhor sobre a autoridade de Deus. Mas o que na realidade acontece é que o homem se distancia do desejo, não habitando mais a sua alma que se alimenta da paixão pelo absoluto. A imediatez técnica basta-lhe, os segredos da volúpia não lhe interessam, parecendo estar desvendado com o texto duma pedagogia sexual.

Ema adivinhava que, nela, a obsessão do prazer era muito mais do que uma história de costumes. Subitamente entregou-se a uma espécie de doença que estava enraizada na insatisfação profunda do seu ser. Julgou que a libertação sexual a ia curar, mas durou pouco esse convencimento. Desde o primeiro momento em que caiu nos braços de Osório, percebeu uma coisa: ele não ia senão tentar deslumbrá-la com palavras, como de resto Pedro Lumières fazia, à sua maneira fáustica.

Os primeiros tempos foram compensadores, tendo em vista o esforço poético, o lugar, a quantidade de liberdade concedida à sua imagem social. Osório levou Ema para uma propriedade que tinha na região mais solitária do Douro, e ficaram sós três dias. Era tenebroso o rio, altas paredes de granito negro modelavam as águas; e eles saíam na lancha a motor, das margens nem viv'alma os podia surpreender. Só, ao longe, uns restos de muros, que foram em tempos casa de pequenos fidalgos arruinados pela filoxera. Ainda se viam as vinhas devastadas, como dentes podres na fauce da montanha. Tudo era silencioso, e as águas, mais profundas pela descarga das barragens, deixavam suspeitar um abismo mole, de lodos que se acumulam e que a corrente não logra vencer. Ema sentia-se abordar por um pequeno atentado de loucura; a loucura que todos trazemos connosco e que precisa só dum composto de representações humanas, a suspeita dum crime, uma troca de libertinagem, uma companhia do desencanto, para se manifestar. Ema estava feliz,

Osório não a decepcionava. Era um homem de boa índole e estava apaixonado.

Aqui podíamos manifestar um gosto de bordel privado, como acontece quando o amor se torna assunto educativo. Mas, à parte o despertar, às nove da manhã, em que o mordomo Caires intervinha, levando ao quarto um almoço de chá e torradas, não se passava nada de escandaloso na casa do rio. É verdade que, debaixo do mosquiteiro de tule, que o mordomo ia descer à tarde, pondo novas toalhas nos toalheiros, podia surpreender os amantes nus, mas, mesmo assim, decentemente velados. Caires, só quando a cozinha estava arrumada e quando a mulher se recolhia aos quartos exteriores, que tinham nomes como *Vintage* e *Tawny*, para melhor os situarem, é que ele contava aquelas cenas íntimas de que não era grande apreciador. Gostava muito mais de dinheiro e tinha um jeito rapace de receber as gorjetas, fazendo-as desaparecer no bolso da farda de sarjão branco, com ferrugem na base dos botões de latão. Ema vestia todo o dia um macacão azul deslavado e lançava-se em corridas no barco a motor, os cabelos desfeitos e um riso quase feroz na linda boca. O perigo e as coisas um pouco desabusadas agradavam-lhe, como se provasse ao experimentá-las o seu lado exasperado de rapaz de liceu, uma virilidade capaz de proezas como doutras tantas seduções para mulheres. À noite, porém, Ema dava largas ao seu luxo de interior, vestia grandes roupões com laços e golas de rendas, mostrava, nos decotes profundos, um deslumbrante clarão de seda, que era a sua *lingerie* dum preço exorbitante. Jantavam à luz das velas, Caires servia, a chama amarela a reflectir-se na sua cabeça calva.

— Não parece um espião russo? — murmurava Ema. O olhar saciado acendia-se com os vinhos quentes e adamados. Não pensava se era feliz; aquela história picante e deliciosa de gosto, com boa comida e a preguiça de férias, deixava-a agradecida, um pouco enervada, também. Telefonou para casa, Carlos estava

fora; as crianças alegraram-se, contaram as doces banalidades do dia.

— Tenham juízo. Eu vou na quarta-feira; aviso antes.

— Onde estás, mamã? — Lolota, que era a mais sensata, tinha a voz embaraçada. Ema voltou-se para o lado, para que Osório não visse que estava comovida. A filha tinha andado febril, eram anginas e um pouco da morbidez do crescimento.

— Os teus filhos não vêm para aqui? — perguntou. Rolava nos dedos bolinhas de pão; há muito tempo que se esquecera de fazer isso. Uma onda de recordações veio misturar-se àquela hora em que, como um dever, os amantes se entendiam para os gozos de alcova. Ouvia-se rir na cozinha, apareceu à porta o procurador, rapaz loiro e com olhos desbotados, que se encarregava dos visitantes e dos negócios conduzidos por eles. A quinta era bastante importante, situada já no limite do Cachão. Um ermo. Um pequeno comboio de desvio passava-lhe em frente, e o jardim da estação, florido de cristas de galo, punha na paisagem um sorriso carnal. Ema não punha o pé fora de casa que não recebesse a impressão duma cratera esfriada dum vulcão. De resto, o lugar chamava-se o Vesúvio. Causava admiração que tão solitários e agrestes caminhos fossem um dia explorados por gente aparentada na corte e com hábitos de cultura. Eram juízes corregedores, fidalgos de luva e espora. Osório tinha-se por herdeiro dessa gente rústica mas que não desleixava certas práticas cristalizadas em rotinas fantasmas. Chamavam cantores célebres para, com as janelas abertas sobre o rio, então cristalino e pedregoso, darem concertos espirituais. Dizia-se que a Banti fora ao Vesúvio, assim como Caruso fora a Manaus. Ema ouvia contar a Osório essas coisas, caía num cismar respeitoso, deixando-se aparentar à família com o que tinha de saudoso pelo Romesal, as salas de Verão, com esquadrilhas de moscas e os estores brancos corridos. Exagerava o gosto e o luxo da solteiria, descrevia o pai como um titular e a mãe uma senhora fina dos Guedes de Loureiro.

— Morreu tinha eu seis anos, mas ainda me lembro dela.

Entrava em descrições, com uma tal doutrina de família, que Osório se entediava. Amava-a, mas fazia um esforço para suportar certos aspectos da provinciana ensaboada, como classificava Ema. Ela não ignorava o desprezo que, como cavalheiro europeu, Osório tinha por quem não guardava as distâncias. Só no leito ele tolerava a igualdade de casta. Embora amasse Ema e a achasse uma beleza difícil de igualar, o seu snobismo latente vinha ao de cima quando tinha que a ouvir falar de dona Augusta, o protótipo da papa-hóstias, cuja bondade era uma história de cordel. Osório tinha espírito, mas só o manifestava quando a sua consciência de classe acordava; ou quando estava bêbado.

Ema viu depressa que ele bebia demais, o que o tornava um amante arrependido, quase casto. Deitava-se na cama tendo um ar incompatível com o amor, e dormia toda a noite, enrolando-se no mosquitoireiro no tumulto dos sonhos. No outro leito, Ema esperava; se não fosse a imprevisível energia sensual de Osório, ela teria partido mais cedo. Ele sabia demorá-la com a surpresa duma lição em coisas do sentimento, ofereceu-lhe uma pulseira de pedras, de preço módico, mandou vir lagostas da sua peixeira na Foz, e um goraz grande como o peixe de Jonas. Mas há, pensava Ema, uma felicidade para noivos e outra para amantes. Para uns as regras da iniciação, talhadas numa experiência do desconhecido; para outros a liberdade que se abre ao improvável, um desregramento que significa um rapto em relação à existência conhecida e da qual se receberam avisos desoladores.

Ema saía para o cais, um pontão de tábuas onde a água batia com um rumor sinistro; e fazia-se ao largo do rio, lançando-se numa corrida que tinha muito de imprudente. O mordomo olhava do terraço e achava-a maluca. Era diferente das outras, estranhava em Ema as iras repentinas que faziam parte do seu misterioso poder de atracção. Essa veemência fazia supor formas inimitáveis de paixão. Mas depressa se estancava o delírio

que a acometia. Aparecia para jantar, vestida e decotada a rigor, as unhas pintadas de ocre ou de prata, tão bela que o mordomo Caires se distraía e servia pela direita o famoso goraz de pinta num molho de alcaparras. Havia visitas, os amigos de Osório, entre eles, Pedro Dossém, que se dizia parente de Santo António de Lisboa. A prova era fraca, baseava-se no testemunho do cronista paduano Giulielmo Ongarello, que em 1441 referiu *Doson* como sendo o seu nome de família.

Pedro Dossém tinha propriedade valiosa em pleno Douro vinhateiro, no Pinhão, na estrada das Covas. Era um homem de bom sangue, mas um pouco desleixado pela Natureza naquilo em que a Natureza é todo-poderosa: o sexo e a morte. Pedro Dossém não pensava nem no amor nem na morte; era uma alma-de-cântaro, como se diz, oco e soando a vazio. Mas naquela sua visita ao Vesúvio a vida dele transformou-se. Nunca acreditara que uma mulher pudesse ser tão bela e tão desenganadora. Ema não iludia ninguém, não tinha táctica, tinha só o sentido do espectáculo. Vestia-se e agia como se tivesse de conquistar Holofernes no seu arraial, mas, na realidade, não passava dum erotismo tabelado pela utopia do poder e da importância social. Ainda que temporariamente ela fosse a companheira sentimental de Osório, tinha um marido que a tutelava em muitos aspectos e que podia reivindicar os seus direitos a todo o momento. Pedro Dossém pensou imediatamente entrar nas boas graças do marido, o que lhe oferecia vantagens no sentido de frequentar a mulher. Não seria um rival, mas um coadjutor do casamento, papel mais útil e necessário do que se pode supor.

Com as suas acanhadas luzes, foi Pedro Dossém que afastou Ema de Osório e a encaminhou para a vida que ela ambicionava. Limitado como era, tinha, no entanto, pelo lado das afinidades de sangue, relações numerosas e escolhidas que ultrapassavam as fronteiras. Ia caçar para as coutadas reais em Espanha, e era recebido pela aristocracia romana, ao abrigo duma sensibilidade ortodoxa que se apegava à sotaina de Monsenhor Lefebvre. Pedro Dossém gostava de gloriar-se, ainda que sem

perder a discrição que é timbre dos autênticos áulicos. Como era desprovido de humor, o sentimento que tinha por Ema parecia profundo. Mas era um sentimento como a arte musical, uma maneira de modelar as paixões. Ema dedicou-se a ele, e com ele atingiu paradeiros diferentes dos da vida física. Não havia senão um jogo, mais inocente do que se fosse embebido de sonhos libidinosos. Pedro Dossém tinha uma esposa e numerosa família; nunca faltou à lealdade que lhes jurara; mas contraiu com Ema uma espécie de segundas núpcias, levando-a ao altar mundano, com a promessa de lhe dar a conhecer as alegrias da vaidade e das finezas.